

23-1-81

Melhores das artes, sem política nem proteccionismo.

As premiações gozam, no Brasil, de saudável desconfiança. Os dois maiores certames nacionais, historicamente, foram o Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e a Bienal de São Paulo, em São Paulo. Os dois ficaram famosos pelo proteccionismo, politicagem, grupismo. Hoje, ao cotejarmos as premiações com a vida cultural brasileira, resta um candente documento: uma grande parte dos artistas escolhidos como os melhores do País simplesmente abandonaram a carreira artística. Evidentemente, os salões menores receberam o reflexo e o desprestígio dos principais. Entretanto, as premiações da Associação Paulista de Críticos de Arte resistem em prestígio e impacto social. E são premiações de caráter honorífico, não há viagens ao Exterior, prêmios em dinheiro, etc. Trata-se apenas do consenso dos críticos e repórteres do setor. No caso das artes visuais a escolha dos melhores de 1980, feita em janeiro de 81 e distribuídas, provavelmente, em março ou abril, continuou a tradição de repercussão e, cada vez mais parece que as escolhas coincidem com a opinião pública.

A Personalidade do Ano é **Pietro Maria Bardi**. O que representa um prêmio para o Museu de Arte de São Paulo, criado por Bardi e que, em 80, participou diretamente da edição de 6 livros e de grandes exposições, como a "Brasil-Itália", **Sérgio de Camargo** (Melhor Retrospectiva) e de **Siron Franco** (Melhor Pintor). Além disto, o Masp tem realizado cursos, festivais de cinema, conferências, recitais de músicas, exposição de "Cerâmica Renascentista Italiana", "Esculturas de Degas", etc. E Pietro Maria Bardi, nos seus joviais 80 anos, tem participado ativamente do próprio desenvolvimento da arte paulista, hoje a mais importante do Brasil, pela sua iniciativa e ligação com a indústria e com a vida comunitária.

A Melhor Contribuição às Artes Gráficas ficou novamente, pela segunda vez, com **Regastein Rocha** e Artes Gráficas Raízes. A APCA procura não repetir prêmios. Mas a Raízes imprimiu mais de 25% das edições de arte do País. O que se liga ao prêmio de Melhor Fotógrafo para **Mário Cravo Neto**, cuja principal peça foi o livro "Bahia", patrocinado pela Rodhia e impresso na Raízes. O Melhor Desenhista é **Ermelindo Nardin**, artista do interior paulistano e o Melhor Escultor é **Caciporé Torres**. Ambos expostos na Arte Aplicada que, no ano passado, já se havia destacado com as exposições de "Arte Erótica" e "Escultura Lúdica".

A gravura nos deu **Hans Grudzinski** (Melhor Gravador), uma exposição da galeria Documenta. Grudzinski é cultor e amante dedicado da técnica da gravura em metal. A Melhor Pesquisa ficou com **Ubirajara Ribeiro** e sua belíssima exposição no Sesc. Ambos artistas respeitados e conhecidos pelo seu trabalho e dedicação de uma vida inteira. Não são figuras novas, arrivistas. E como Melhor Revelação, **Cristhina Parisi**, uma artista que, se não apresentou formas inovadoras, soube respeitar a tradição lingüística e, dentro do escolhido, apresentar um trabalho meditado e sério (galeria Projecta, justamente a que se tem especializado em artistas jovens).

A Melhor Exposição é a de **Arte Plumária**, que foi capaz de trazer ao público a excelência de nossa arte indígena. Exposição organizada com grandes sacrifícios por **Noberto Nicola** (Museu de Arte Moderna), em cujas águas pode ser acrescentado o Prêmio de Melhor Tapeçaria a **Clemente Hungria**, personagem que se destacou através das inúmeras iniciativas de Nicola, tais como a Trienal de Tapeçaria (MAM), Fenit (Hoestch) e calendário Santista. Melhor Arte-Comunicação a **Fundação Roberto Marinho**, que é quase única no seu sistemático apoio da atividade cultural.

Observe-se que, como tendência dominante, foi premiado o trabalho continuado, sério, com sólidas bases. Aparentemente evitou-se a premiação de uma pretensa vanguarda (aliás, auto-intitulada vanguarda), arremedo de experiências internacionais duvidosas e cujo ocaso parece evidente. As necessidades sociais e culturais são de tal ordem grandiosas que todos estão preferindo trabalhos que contribuam mais solidamente para a discussão do humanismo e dos caminhos humanos. Poderiam ser premiados outros artistas e instituições? Evidentemente, sim. Mas há limitações de número e este apontar tendências sempre escolhe aspectos significativos e que tenham conquistado a confiança pública. Neste caso, parece-me, a APCA deu uma sólida demonstração de objetividade e responsabilidade, o que nem sempre tem acontecido nas manifestações públicas de Entidades e Organismos Oficiais. Talvez seja esta capacidade de interpretar o sentimento geral que esteja favorecendo estas premiações com a repercussão intelectual e popular que se torna evidente, através do noticiário e da aceitação.

Jacob Klintowitz



Pietro Maria Bardi, Mário Cravo Neto e Sérgio Camargo são três dos premiados este ano pela APCA no setor de artes visuais. Escolhas que coincidem com a opinião pública, sem politicagem ou grupismo.

Scribble